



Em busca dos sentidos de lecionar a partir da experiência de estágio em uma escola de Duque de Caxias – Baixada Fluminense

Sávio Reis¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FEBF

Resumo.

O presente trabalho é fruto da reflexão acerca da constatada desmotivação do professor em sala de aula e do esvaziamento quase que completo do desejo de permanecer lecionando, desencadeado por diversos fatores que serão explorados ao longo do texto. Este relato foi inspirado a partir do estágio supervisionado em uma escola estadual na Baixada Fluminense. Para isso, foi necessária a busca por pistas deixadas ao longo das aulas que foram assistidas pelo graduando perpassando não apenas pelo fazer pedagógico do educador de geografia acompanhado, mas também através da cultura escolar, aulas ministradas e comportamento e percepção dos estudantes sobre a escola e relacionando-os com alguns teóricos, dentre eles, Nestor Kaercher, Paulo Freire e Manoel Fernandes Neto.

Palavras-chave: Sentidos da docência; práticas escolares; estágio supervisionado; cultura escolar; Baixada Fluminense

REFLECTION ON THE LOSS OF THE MEANING OF TEACHING FROM THE INTERNSHIP EXPERIENCE IN A SCHOOL IN DUQUE DE CAXIAS - BAIXADA FLUMINENSE

Abstract.

The present work is the result of the reflection on the teacher's lack of motivation in the classroom and the almost complete emptying of the desire to continue teaching, triggered by several factors that will be explored throughout the text. This work was inspired from the supervised internship discipline in a state school in Baixada Fluminense. For this, it was necessary to search for clues left during the classes that were accompanied by the graduating, passing through not only the pedagogical work of the accompanied geography educator, but also through the school culture, classes taught and the behavior and perception of students about

¹ Licenciando em Geografia, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ).
E-mail: dasaevreis15@outlook.com. ORCID 0000-0003-1675-9938

the school and relating them with some theorists among them Nestor Kaercher, Paulo Freire and Manoel Neto.

Keywords: Meanings of teaching; school practices; supervised internship; school culture; Baixada Fluminense

EN BUSCA DE LOS SENTIDOS DE LA DOCENCIA A PARTIR DE LA EXPERIENCIA DE PASANTÍA EN UNA ESCUELA DE DUQUE DE CAXIAS - BAIXADA FLUMINENSE

Resumen.

El presente trabajo es fruto de la reflexión sobre la desmotivación del docente en el aula y el vaciamiento casi total de las ganas de seguir enseñando, desencadenado por varios factores que serán explorados a lo largo del texto. Este trabajo se inspiró en la disciplina de pasantía supervisada en una escuela pública en Baixada Fluminense. Para ello, fue necesario buscar pistas dejadas durante las clases que fueron acompañadas por los egresados, pasando no solo por la labor pedagógica del educador en geografía acompañado, sino también por la cultura escolar, las clases impartidas y el comportamiento y percepción de los estudiantes. Sobre la escuela y relacionándolos con algunos teóricos entre ellos Nestor Kaercher, Paulo Freire y Manoel Neto.

Palabras clave: Significados de la enseñanza; prácticas escolares; pasantía supervisada; cultura escolar; Baixada Fluminense

Introdução

Ser professor é um desafio que perpassa por obstáculos muitas vezes difíceis de serem encarados. É possível enumerar muitos dentre eles, desde a má valorização da categoria com baixas remunerações e perda de seu prestígio perante alguns setores da sociedade, até os embates curriculares e a autonomia do docente em seu fazer pedagógico que vem perdendo espaço para discursos e metodologias que cerceiam a livre expressão do educador.

O presente trabalho busca trazer, através da experiência proporcionada pelo estágio, os momentos em que essa percepção mais se manifestou e a partir dela refletir alternativas que possam colaborar para um melhor fazer pedagógico.

Esta observação se deu em uma escola estadual em Duque de Caxias, Baixada Fluminense, local historicamente marcado pela negligência do poder público e, por esta razão, também da emergência de um ensino que colabore para a transformação do status quo de seus cidadãos.

Contudo, há um obstáculo observado a partir da análise da aula de um professor de geografia do ensino médio, que se destacou dentre os demais. Trata-se da ausência do professor de sua função de educar, incorporando em suas aulas vídeos de plataformas digitais, realizados por outros, como de professores de cursos preparatórios que publicam seus materiais *on-line*, principalmente, no YouTube.

Escola como espaço despropositado

A localização espacial da escola revela em suas características aspectos importantes que precisam ser levados em consideração no fazer pedagógico do educador e necessitam de uma análise cautelosa para um melhor desenvolvimento curricular. Deste modo, uma breve descrição se faz necessária tendo em vista seu destaque para a análise lógica do elemento que proporcionou as indagações e reflexões deste relato.

A escola estadual está localizada bem no centro do Município e conta não apenas com estudantes de bairros próximos, como também, com

estudantes de municípios vizinhos, principalmente São João de Meriti. A região é marcada pela violência, serviços públicos bastante precarizados, domínios territoriais por criminosos e carência na presença de espaços culturais que são muitas vezes ocupados pela cultura de massa das grandes indústrias audiovisuais.

Tendo em vista este cenário, ao longo do estágio foi possível perceber como o espaço escolar para tais estudantes não era um lugar de conforto, ou um local de bem-estar, revelando um certo incômodo da parte deles. Os discentes muitas vezes buscavam maneiras de saírem daquele lugar. Mas, como não é possível escapar deste espaço fisicamente, pois a escola tem controle de seus portões e muros, a alternativa mais fácil é recorrer às mídias, como o smartphone, estando esse presente a quase todo instante nas mãos dos estudantes.

A presença do smartphone em sala tem sido encarada como um desafio ao educador, pois muitos deles ainda não sabem lidar com esta tecnologia, e principalmente, com o comportamento dos estudantes em sala de aula desencadeados pelo objeto tecnológico. Durante o período de estágio o educador de geografia, um homem de meia idade, não conseguia lidar bem com este comportamento e constantemente solicitava aos estudantes para que parassem de utilizá-los em sala.

Contudo, a batalha com as novas tecnológicas não se limitou apenas às broncas e reclamações. A tecnologia multimídia que antes refletia na tela dos aparelhos começou a aparecer na sala de aula, como dispositivo metodológico docente. O professor acompanhado pelo estagiário utilizava das ferramentas de vídeos, dentre elas, projeção, computador e principalmente conteúdos vinculados em sites, principalmente o *YouTube*, para compor suas aulas. Entretanto esta estratégia, aparentemente positiva aos educandos e possivelmente encarada como um diferencial no sentido pedagógico, escondia um cansaço e uma desmotivação que esvaziava quase que completamente o desejo e o sentido de ensinar em sala de aula.

Em uma entrevista com o professor, ele relatou utilizar os recursos digitais como estratégia por sentir-se muito cansado em ter que ministrar e

preparar as aulas, pois encarava os estudantes como desinteressados. Durante sua fala ele alegou que transmitir os conteúdos multimídia em sala de aula "cansava menos".

O papel da direção escolar, e de maneira mais geral da cultura escolar, revela um pouco o comportamento refletido em sala de aula. Neste caso, a fala da diretora durante uma breve conversa revela mais um obstáculo para se alcançar o pleno fazer pedagógico do professor, onde ela diz que é importante que o estudante faça a relação entre o conteúdo e a realidade quando o professor não faz.

A relação educador x educando

O fazer docente é um desafio que vai além do domínio do conteúdo e da disciplina, ele ultrapassa os saberes, neste caso da geografia, e encontra uma infinidade de outros saberes e técnicas que precisam estar presentes na sala de aula para a garantia de um ensino eficaz, objetivo e crítico. Ao longo das observações das aulas, a carência de aprofundamento dos conteúdos se mostrou recorrente, mas ainda mais pungente que isso é a relação entre educador e educando.

Um dos fatores que tem provocado isso são as jornadas de trabalho que os professores precisam realizar para conseguirem complementar seus salários, comprometendo o tempo de preparação das aulas e reproduzindo mecanicamente os conteúdos ano a ano, o que distancia o educador do seu sentido em sala de aula e de outros atributos essenciais para seu papel docente. Os perigos que permeiam tais constatações vão desde o enfraquecimento da profissão até a legitimação de políticas públicas que têm desprezado a função social da Geografia escolar. Souza Neto (2005, p. 258) adverte quanto a uma armadilha de nossa própria categoria, que é “desvalorizar o ofício de ser um educador, permanecendo nele”.

Paulo Freire enfatiza a necessidade de o professor ser também um pesquisador e que o fazer docente passa essencialmente por este caminho (FREIRE, 1996, p.14), “se não há ensino, não há pesquisa e se não há

pesquisa, não há ensino”. Ou seja, é essencial que haja tempo para a pesquisa, senão não haverá ensino de qualidade em sala de aula.

É importante restaurar a esperança dos educadores em prosseguirem firmes no seu papel docente. As reformas educacionais tentam diminuir o tempo dos professores em sala, mas não basta apenas lamentar é importante posicionar-se, lutando por uma educação que preze pela justiça social que vá contra as necessidades exclusivas do capital (EUFRÁSIO, 2019).

Para isto, é fundamental se pôr em um local de escuta e estar disposto a ouvir e dialogar com os estudantes, pois eles são peças-chave para esta mudança. O respeito ao discente e a seus saberes deve ser o princípio para dar sentido a uma aula verdadeiramente crítica, na qual os estudantes são os primeiros aliados.

Diversas vezes o professor tem um tempo de fala muito maior do que o aluno em sala de aula. O estudante que não participa da aula acaba não encontrando sentido em estar ali. Não basta apenas transmitir o conteúdo, é fundamental olhar nos olhos de cada estudante e procurar conhecer um pouco mais sobre cada um, pensar e repensar a prática a todo instante e ir se desapegando dos planos e criando novos planos de aula e metodologias (KAERCHER, 2017).

Um educador crítico também precisa estar atento ao silêncio e respeitá-lo, há momentos durante a aula onde os estudantes demandam seu tempo para organizar seus pensamentos e formularem suas respostas, seus pontos de vista. E este tempo é essencial para relação entre o saber empírico, o do senso comum e o científico, relacionando-os entre si, o que é um desafio.

Durante as aulas observadas ao longo do semestre, o silêncio e o tempo para o raciocínio foram muitas vezes interrompidos, ou seja, a expressão do estudante interrompida pelas falas do professor. O alunado então se vê distante do professor e acaba se posicionando como seu "rival", descredibilizando o que é dito por ele e muitas vezes fazendo da sala de aula um espaço de disputa de poder entre o professor, que não consegue mais negociar a atenção dos estudantes a não ser através práticas autoritárias. E os estudantes resistem porque não veem sentido em respeitá-la.

Sendo assim, a escuta é essencial ao professor para conhecer, compreender e atingir pedagogicamente seus estudantes. Para isso é necessário, assim, observar as demandas dos estudantes e fazer da sala de aula um ambiente para acolher e promover um plano de aula que fará com que os estudantes enxerguem sentido no que está sendo proposto.

Outro ponto que precisa estar presente na prática do educador é a sensibilidade ao sofrimento do outro e a diversidade que há dentro da sala de aula. Os tempos estão mudando e cada vez mais é falado sobre igualdade de gênero, sobre a homofobia, racismo e xenofobia. Não é possível tolerar em sala de aula comportamentos que reproduzem essas estruturas e o docente precisa fazer do espaço de aula um lugar seguro a todos os estudantes e jamais ser quem irá promover este tipo de discurso.

É fundamental entender o seu lugar de fala, não abrindo mão da autoridade enquanto professor, mas compreendendo a importância da escuta a quem vivencia e tem conhecimento do que sofre no seu dia a dia, isto é, identificar este lugar e permitir que a sala de aula seja um local de pluralidade de ideias, levando em consideração que a ciência é uma construção social e que faz parte o diálogo e o debate (OLIVEIRA, 2019).

É importante saber o momento certo de corrigir e saber como fazer isso. Colaborar para uma real criticidade e construção de identidade do estudante. Formar um cidadão é situá-lo na realidade em que ele vive e nas possibilidades que poderão surgir a partir de sua potencialidade.

O professor então se enquadra no papel de proporcionar uma reflexão a partir de perguntas oferecidas ao longo do relacionamento construído em sala de aula, mediado pela ciência, pela técnica, pelo fazer pedagógico e pela sensibilidade de se inclinar para ouvir e voltar-se para perguntar.

Ou seja, vale mais oferecer perguntas do que respostas ao educando, pois muitas vezes elas precisam ser despertadas pelos educandos, pela sua própria reflexão, ao invés de uma fórmula que poderá ser estigmatizante e mal apropriada pelo resto da vida do estudante. Não é sobre as perguntas referentes ao conteúdo apenas, mas referente às suas inquietações, ainda mais no período do ensino médio quando a maioria dos estudantes estão em

uma fase da juventude onde as inseguranças e angústias são mais recorrentes.

Neste sentido, o educador colabora para a racionalização de uma diversidade de questões que podem passar pelo estudante tanto no sentido do conteúdo quanto em suas vidas de modo geral. Nenhum estudante deixa de ser quem é ao adentrar o portão da escola e essa presença, existência pulsante, precisa ser compreendida pelo professor.

Considerações finais

Esse relato pretendeu refletir, a partir de provocações da vivência do estágio supervisionado, acerca do sentido de estar em sala de aula. Visto que, a desmotivação do professor tem distanciado as relações com seus alunos e tornando a escola num lugar chato, entediante.

O destaque que despertou o presente relato foi em um determinado dia de estágio, no qual, o professor de geografia elaborou uma aula em que a presença dela se limitou em manipular os recursos audiovisuais e responder algumas questões que poderiam haver pelos estudantes. Neste dia, seis vídeos foram a metodologia da aula, sendo alguns vídeo-aulas. Ou seja, a autoria da aula foi dispensada pelo docente em sala e relegada a outro professor que virtualmente gravou a temática.

Destacamos ao longo do relato o quanto é importante e urgente que os educadores consigam restabelecer os laços e encurtar as distâncias entre os estudantes, seja no conteúdo, na linguagem e no relacionamento. Pensando o fenômeno educativo ancorado numa relação humana, é fundamental que haja um reconhecimento para saber quem eles são, o que gostam de fazer, o que já sabem, e relacionar isso com os saberes científicos. Estas seriam pistas para a busca de sentidos da docência que anunciamos no título, o que demanda emancipação de todos e todas.

Referências bibliográficas

EUFRÁSIO, Gustavo Henrique Camargo. **Reformas educacionais que atacam o ensino de Geografia:** a BNCC e o Escola Sem Partido como ferramentas de retrocesso. In: 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias, 2019, Campinas, São Paulo. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3225> Acesso em: 10 de dezembro de 2022

Freire, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KAERCHER, Nestor André. TONINI, Ivaine Maria. Artesania, felicidade, empatia: Assuntos não geográficos para o Estagiário de geografia construir sua identidade docente. In: **Geographia Meridionalis**, p. 251–273, 2017, Pelotas, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/article/view/11864/7785> Acesso em: 10 de dezembro de 2022

NETO, Manoel Fernandes de Sousa. **O ofício, a oficina e a profissão;** Reflexões sobre o lugar social do professor. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005.

OLIVEIRA, Anita Loureiro. Geografias, existências, e corporalidades discordantes: Narrativas periféricas e transfeminismo. In: **XIII ENANPEGE**. 2019, São Paulo. Disponível em: http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1555981058_ARQUIVO_GEOGRAFIAS.EXISTENCIASECORPORALIDADES Discordantes Narrativas Periféricas e Transfeminismo.pdf Acesso em: 10 de dezembro de 2022